

UM ESTUDO SOBRE A ESCOLA RURAL ÁGUA DO MANDI POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL

Juliana de Melo¹

GD n°5 – História da Matemática e da Educação Matemática

Resumo: Este projeto de mestrado, ainda em andamento, tem como objetivo disparar uma narrativa sobre história da Escola Rural Água do Mandi, localizada no município de Andirá, região Norte do Estado do Paraná. Para tanto, mobilizaremos, como referencial teórico metodológico, a História Oral. Deste modo, serão realizadas entrevistas com colaboradores a serem definidos que possam relatar vivências nessa escola. Essas entrevistas serão transcritas, textualizadas e analisadas seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos da História Oral na Educação Matemática. Ao mobilizar a História Oral, o pesquisador utiliza as narrativas como fonte primordial, porém não abre mão dos documentos escritos, imagens ou outros tipos de registros do objeto de estudo, visto que estes também são significativos na escrita de, e compõem, uma história.

Palavras-chave: Ensino. Escolas Rurais. Norte Pioneiro.

INTRODUÇÃO

A ideia central desta investigação está vinculada ao objetivo de um projeto maior: estudar o movimento das escolas rurais do Norte Pioneiro do Estado do Paraná². Outras escolas já foram ou estão sendo estudadas em outras pesquisas. Na pesquisa que aqui propomos, temos a intenção de estudar a Escola Rural Água do Mandi, localizada na zona rural do Município de Andirá-PR. Essa escola esteve em funcionamento, no município, no período de 1947 a 1985.

A zona rural do município de Andirá era povoada por famílias numerosas, que fixavam suas raízes na terra e viam seus filhos nascerem e se formarem, juntos lavravam o solo e dele retiravam seu sustento. Era o tempo das fazendas de café, do milho e do feijão. Nesta formação, além da contribuição da família, surge a figura do professor nas escolas rurais, que em alguns casos, exerciam essa profissão por indicação do prefeito. Homens e mulheres como fonte de inspiração daquelas pessoas simples, mas de valor. E no meio desse povo, o professor era autoridade, pessoa respeitada e querida. Eram pessoas de

1 Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR; Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de Matemática; jumeello@hotmail.com; orientador(a): Mirian Maria Andrade.

2 “A região conhecida por Norte Pioneiro do Paraná reúne 46 municípios que são agrupados em cinco microrregiões: Assaí, Cornélio Procópio, Ibaiti, Jacarezinho, Wenceslau Braz” (SOUZA, 2018, p. 5). O município de Andirá pertence à microrregião de Cornélio Procópio.

coragem, tornavam-se líderes nas comunidades que atuavam. Muitos desses professores não tinham a formação necessária, como é exigida atualmente (RAMOS, et. al. 2017).

Alguns professores residiam na zona rural e outros se deslocavam da cidade, uma trajetória tanto quanto cansativa, enfrentavam poeira, barro, chuva, tudo isso pelo desejo de ensinar, mesmo não tendo boas condições estruturais de trabalho, além de sua profissão, não ser valorizada pelos órgãos competentes, “[...] eram ao mesmo tempo, professores, merendeiros e serventes, mas sempre o Senhor Professor” (RAMOS; et. al. 2017, p. 380).

A respeito das escolas rurais, no fim do século XIX, no estado do Paraná, “aconteceu a ampliação das escolas públicas, que foram instaladas na capital, vilas e povoados” (OLIVEIRA, 2001, p.148, apud SOUZA, 2018, p. 16). “As escolas rurais foram criadas por volta de 1920 e segundo Schelbauer (2014), haviam 1288 escolas rurais isoladas no Paraná na década de 1930” (SOUZA, 2018, p. 16)³.

No município de Andirá, encontramos registros de que houve um total de 20 escolas rurais em funcionamento, porém as informações encontradas não nos revelam se elas funcionavam todas na mesma época. Nessa pesquisa nosso interesse se debruça sobre uma dessas escolas: Escola Rural Água do Mandi.

De acordo com Ramos et. al. (2017), em 1977, teve início no município o Projeto de Nucleação das Escolas Rurais Multisseriadas⁴. Para atender esse projeto foram construídas quatro escolas que serviam como polos e que recebiam alunos das regiões vizinhas. Nessas escolas, os alunos eram separados por séries, sendo um professor para cada turma, proporcionando um ensino de melhor qualidade e em prédios com instalações adequadas e o conforto que a zona rural merecia.

As escolas construídas para que esse projeto se tornasse realidade foram: Escola Mário Zacarelli, Escola Rural Água de Pimenteira (construídas e inauguradas pelo então prefeito Hermas Eurides Brandão), Escola Francisco Canhoto, Escola Ângelo Dalossi (construídas e inauguradas pelo então prefeito Alarico Abib). No ano de 2002, neste município, funcionava apenas uma escola Rural: a Escola Rural Mário Zacarelli, no

³ Estamos iniciando o estudo sobre o movimento das Escolas Rurais no Estado do Paraná, sobretudo na região Norte do Estado. Por isso ainda não temos estudo suficiente para aprofundar essa discussão neste texto, neste momento.

⁴ Sobre este projeto ainda estamos realizando a busca por mais informações.

Distrito Nossa Senhora Aparecida e as demais escolas da zona rural foram extintas ou desativadas (RAMOS; et al, 2017), no entanto, ainda não encontramos nenhum registro que justifique porque essa foi a única escola a continuar em funcionamento.

A Escola Água do Mandi situava na Fazenda São Sebastião. Seu ano de funcionamento, segundo os registros de chamada dos alunos, datam desde 1947 até 1985, porém no decreto que autorizava o funcionamento da escola consta a data de 17 de novembro de 1982⁵. Infelizmente, de acordo com a documentadora do município, que é a responsável por armazenar os documentos das escolas do município, muitos registros se perderam ao longo do tempo, à disposição estão alguns livros de chamada e o decreto de funcionamento. Abaixo uma foto da estrutura da escola, possível fachada, cedida por Roseli Del Padre Gomes Feriatti, filha da professora Paula Darci Del Padre Gomes, que lecionou neste espaço, mas ela não soube nos informar quem são as pessoas da foto, porém relatou que a foto foi tirada por volta do ano de 1965. A escola atualmente foi demolida.

Figura 1: fotografia de uma parte da Escola Água do Mandi.



Fonte: arquivo pessoal de Roseli Del Padre Gomes Feriatti, 1965.

Na escola rural Água do Mandi, as carteiras eram juntas, como mostra a figura 2. Além disso, as professoras utilizavam o livro didático como material de apoio, sem nenhum acesso as novas tecnologias como a calculadora, por exemplo. Naquela época a matrícula de crianças na escola ainda não era obrigatória, visto que era compreensível e

5 Para esta investigação ainda não definimos o período de funcionamento da escola que será estudado.

comum as crianças não frequentarem a escola para ajudar os pais na roça ou em outros afazeres, além disso, não havia idade certa para frequentar a escola rural.

Quanto ao público que pertence às escolas, tanto urbano, quanto rural, é rico em diversidades, tanto cultural, assim como social, resultado da formação de povos oriundos de tropeiros, índios, escravos, portugueses, espanhóis, italianos, alemães e poloneses, sendo que o fruto dessa variedade é perceptível nas crenças, costumes e educação do povo paranaense. Dessa forma, o Estado do Paraná apresenta todas as características (condições econômicas, culturais, políticas) necessárias para o desenvolvimento de propostas coerentes com o contexto de seu povo. (OUTEIRO; MATTOS, p. 9)

Figura 2: fotografia da professora Paula Darci Del Padre Gomes auxiliando seus alunos, aproximadamente 1965



Dados: arquivo pessoal de Roseli Del Padre Gomes Feriatti

Por meio deste projeto, pretendemos estudar a Escola Rural Água do Mandi, utilizando como referencial metodológico a História Oral, para a constituição de narrativas, mediante a realização de entrevistas, com pessoas que tiveram algum contato com esta escola, e a partir desses movimentos temos a intenção de esboçar uma história dessa respectiva escola.

Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é criar fontes históricas por meio de relatos vivenciados por pessoas que tiveram algum contato com Escola Rural Agua do Mandi para disparar uma narrativa que registre uma história dessa escola.

Objetivos específicos:

- Compreender acontecimentos históricos ligados ao funcionamento da escola, por meio das pessoas que os vivenciaram;
- Buscar indícios da Matemática ensinada na Escola Rural Água do Mandi;
- Contribuir com o estudo das Escolas Rurais do Norte Pioneiro do Estado do Paraná.

REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Para a realização da investigação proposta lançaremos mão da História Oral como aporte teórico metodológico. A História Oral (HO) busca, por meio de entrevistas, ouvir relatos sobre experiências de pessoas, a respeito de determinados acontecimentos, instituições, modos de vidas, dentre outros aspectos.

A HO, no entanto, vai além de ouvir relatos, é, também, uma forma de explorar os conhecimentos de fatos vivenciados em um determinado momento histórico. A História Oral não é uma metodologia que está sempre ligada à história de algo, mas independente do tema da pesquisa, o pesquisador ao utilizar esta metodologia, sempre recairá a historiografia (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015).

A História Oral pauta-se nos depoimentos orais recolhidos das pessoas particularmente significativas para o problema focado pelo pesquisador, centrando-se mais especificamente em um conjunto limitado de temas [...] Pretende-se, na História Oral, reconstruir “aspectos” da vida dos entrevistados, auscultar partes de experiências de vida, em recortes previamente selecionados pelo pesquisador (GARNICA, 2003, p. 32).

Em consonância com o autor acima, a entrevista se configura como principal instrumento desta metodologia. De acordo com Le Vem (1997, p. 220, apud ALVES, 2016, p. 4) “as entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro”. Além disso,

Os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados (THOMPSON, 1992, p. 25).

Por meio da entrevista, o historiador aprende a ouvir o outro, além de se relacionar em histórias que retratam momentos sociais de quem as conta. Ainda sobre o “ouvir o

outro” Santhiago e Magalhães (2015, p. 14, apud ANDRADE; SACHS, 2018, p. 213) afirmam que ao ouvir o outro “os jovens passam a valorizar as experiências dos mais idosos, reconhecendo-as como conselhos úteis”, além de “[...] se reconhecer [em] como protagonistas e produtores de histórias, reforçando sua consciência histórica”.

Outro aspecto considerado fundamental na metodologia da HO é a memória. Bosi (1995) define memória, como um processo de rememoração que exige uma recuperação do passado a partir do que foi vivido, até o momento presente.

Ao recordar, o indivíduo reconstrói suas experiências passadas, não como elas ocorreram lá, pois o contar estará impregnado das experiências de vida dele e do contexto social. A lembrança do fato não é a mesma imagem que foi experimentada na época em que ele ocorreu, porque o nosso ponto de vista é outro, não somos mais os mesmos (GAERTNER, 2004, p.147, apud SOUZA, 2006, p. 113).

Desta forma, a rememoração é um elemento importante para se retomar o estudo de épocas passadas. O trabalho com a memória permite aos colaboradores outra compreensão do período histórico recordado. Meihy (2005, apud ALVES, 2016) destaca:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante, sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender, a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem (MEIHY, 2005, p. 19, apud ALVES, 2016, p. 6).

É importante considerar, também, o caráter dialógico disposto nas formas de trabalhos dentro da HO. Portelli (1997) explica que “[...] podemos definir a história oral como o gênero de discurso no qual a palavra oral e a escrita se desenvolvem conjuntamente, de forma a cada uma falar para a outra sobre o passado” (PORTELLI, 1997, p. 5, apud ALVES, 2016, p. 6).

Contudo, ao se trabalhar com História Oral, o pesquisador utiliza o diálogo como fonte primordial, porém não abre mão dos documentos escritos, imagens ou outros tipos de registros, visto que estes são significativos no resgate ou na escrita de uma história.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho será desenvolvido por meio da metodologia da História Oral (HO), que possibilita a investigação de memórias de pessoas em uma determinada época.

Os colaboradores serão professores, alunos, entre outros personagens, ou seja, pessoas que de alguma forma tiveram contato significativo com a escola, a fim de narrar suas memórias relacionadas a aspectos que a constituíram naquela época, aspectos que vão da estrutura ao ensino. Um aspecto importante a ser considerado, é que a entrevista tem ponto de vista diferente para o pesquisador e para o pesquisado, “ao pesquisador interessa ouvir e registrar a narrativa, o que vai ao encontro do tema estudado e ao pesquisador, relatar aquilo que lhe é significativo, que lhe é importante e que, por isto, para ele, deve e merece ser narrado” (ALVES, 2016, p. 4).

Sobre a coleta de depoimentos, Garnica (2014) considera esse procedimento como um passo inicial para uma operação historiográfica, é o momento em que se inicia a criação de fontes, ou seja, escrever histórias é sempre um processo de criação.

Os relatos orais obtidos encorajam a escrita de uma História que não é uma representação idêntica do acontecimento/existência, mas que auxilia na compreensão de como o passado chegou até o presente, por meio da memória remota (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015). Gaertner ressalta que “não é a ‘verdadeira’ história que buscamos, mas uma história na qual o humano está presente e se revelando em suas angústias, incertezas e pontos de vista. Deste modo, não pregamos conhecer ‘a história’; a ela preferimos, as ‘versões da história’” (GAERTNER, 2004, p.154, apud SOUZA, 2006, p. 106).

Outro procedimento a ser utilizado, será a busca por documentos que tragam informações a respeito da escola.

Seguindo os pressupostos da História Oral, após a realização da(s) entrevista(s), os áudios serão transcritos, textualizados e as autorizações de uso do material se dará por meio das cartas de cessão de direito.

A transcrição é escrever exatamente as falas do colaborador, é a versão original da entrevista, preservando a linguagem e particularidade do dialeto utilizado pelo entrevistado, “a transcrição é o nome que damos à transformação do registro sonoro em

texto ‘fiel’” (VIANNA, 2014, p. 75). A transcrição transforma o objeto auditivo em visuais.

O processo seguinte à transcrição é a textualização. Vianna (2014, p. 76) afirma que a textualização “transforma a entrevista de ‘língua falada’ em um texto de ‘língua escrita’, um texto que terá a estrutura, o formato e o grau de elaboração conceitual e técnico que lhe possa ser dado pelo autor”, é a apuração dos fatos, tirando as particularidades de dialetos do entrevistado, a eliminação dos vícios de linguagem, podendo ser feita quantas vezes o pesquisador julgar necessário. A eliminação dos aspectos citados permitirá uma maior fluência na apresentação das ideias colocadas pelo depoente, além de possibilitar aos leitores uma melhor compreensão da entrevista. Cabe ressaltar que “a textualização constitui-se um texto em colaboração. Não é mais o texto do depoente, mas, sim, um texto do pesquisador, elaborado à luz das falas dos colaboradores” (GARNICA, 2004, p. 94, apud SOUZA, 2006, p. 95). Carmem Aranha (2005, apud GARNICA, 2014, p. 185), compara o processo de transcrição e textualização à restauração de obras de artes dizendo que “o mais leve retocar pode comprometer um quadro, a mais leve alteração pode escamotear as cicatrizes do discurso”.

É por meio da textualização que incluiremos a entrevista na nossa pesquisa e os colaboradores farão a leitura correspondente a ela, se concordarem em disponibilizá-la para uso em nossa pesquisa serão convidados a assinar a carta de cessão de direitos.

Em uma entrevista concedida a Souza (2006), Garnica relata que seguir corretamente os procedimentos da História Oral não significa produzir um trabalho em História Oral, pelo contrário, produzir um trabalho em HO é seguir minimamente alguns procedimentos que estão estabilizados.

Após a textualização será feito uma interpretação do objeto de estudo, a partir do material obtido. Ao analisar as entrevistas, Garnica afirma que:

O papel do investigador nesse tipo de análise é configurar os elementos dados em uma história que os unifica e dá significado a eles com a intenção de mostrar o modo autêntico da vida individual sem manipular ou distorcer a voz de cada narrador em favor de uma versão pré-estabelecida (GARNICA, 2014, p. 189).

Todavia, o momento de análise ocorre desde a preparação do roteiro para as entrevistas, da busca pelos colaboradores até o momento de textualização, porém, a compreensão dos fatos depende de cada pesquisador, visto que é algo subjetivo. Por alguns

anos a subjetividade foi vista como um aspecto negativo da História Oral porque ao se tratar de perspectivas dos sujeitos poderia ser tendenciosa e falha, no entanto, com o avanço de reflexões teóricas a seu respeito, a História Oral fez da dificuldade um ponto forte, fazendo com que se tornasse rica em suas potencialidades e particularidades (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015).

CRONOGRAMA

A pesquisa tem duração de vinte e quatro meses e o cronograma abaixo está organizado em semestres. Ressaltamos que este cronograma pode ser alterado conforme as demandas da pesquisa ou do curso de mestrado a que se vincula este projeto.

Tabela 1: Cronograma do desenvolvimento das atividades do mestrado

Atividades	1º Sem/2019	2º Sem/2019	1º Sem/2020	2º Sem/2020
Cursar disciplinas para cumprir os créditos necessários no curso.	X	X		
Estudo do Referencial Teórico Metodológico		X	X	X
Elaboração do Projeto	X	X		
Estudar os documentos relacionados à Escola Água do Mandi		X	X	
Elaboração do Roteiro de Entrevistas		X	X	
Consulta de possíveis colaboradores		X	X	
Realização das entrevistas			X	
Transcrição e Textualização das entrevistas			X	X
Elaboração do material para o exame de qualificação			X	X
Exame de Qualificação				X
Elaboração do material para a defesa				X
Defesa				X
Participação em Eventos Científicos		X	X	X

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M.; SACHS, L. S. “Obrigada por ter apresentado a História Oral”: propostas desenvolvidas e analisadas em um curso de Licenciatura em Matemática. **Bolema**, Rio Claro/SP, v. 32, n. 60, p. 212-230, abr. 2018.
- ALVES, M. C. S. O. A importância da História Oral como metodologia de pesquisa. In: VI SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL / III ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA. 2016, Ituitutaba/MG, p. 1-9.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: **Revista Zetetiké**, p. 9-55, vol. 11, n. 19, Janeiro/Junho, 2003.
- GARNICA, A. V. M. **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil** – 1.ed. Curitiba: Appris, 2014.
- OUTEIRO, M. T.; MATTOS, L. M. S. **Escolas do campo no estado do Paraná: Uma visão de desenvolvimento**. 15 f. Disponível em:
<http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminarios-de-2013/1-educacao-do-campo-movimentos-sociais-e-politicas-publicas/a37-escolas-do-campo-no-estado-do-parana-uma-visao.pdf/at_download/file>. Acesso em 17 ago 2019.
- RAMOS, J. A.; et al. **Andirá no cinquentenário de seu Rotary Club**. Departamento de imprensa do estado do Paraná, 2017.
- SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. **História Oral na sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- SOUZA, G. S. Um estudo sobre os movimentos de constituição de um Grupo Escolar Rural na região do Norte Pioneiro do Paraná. In: **Encontro Brasileiro De Estudantes De Pós-Graduação Em Educação Em Matemática**, 12, 2018, Belo Horizonte/MG, p. 1-10.
- SOUZA, G. S. **Memórias da primeira década de funcionamento da casa escolar Lourenço Ormenezze: uma narrativa**. 2017. 89f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procopio, 2017.
- SOUZA, L. A. **História Oral e Educação Matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões**. 2006. 674 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VIANNA, C. R. Sem título. In: GARNICA, A. V. M. (Org.). **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil**. Curitiba: Appris, 2014. p. 67-85.